

## **O protagonismo da mulher negra na telenovela: estereótipos e ressignificações<sup>1</sup>**

Mariana Lima<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo – USP

### **Resumo**

O artigo objetiva compreender como a atual ascensão do protagonismo feminino negro no horário nobre da TV Globo foi ressignificado nas telenovelas. A partir dos estudos sobre representatividade negra na telenovela brasileira, notamos que os papéis aos quais os negros eram alocados atendem a três categorias-chave: a subalternidade, o erotismo e a invisibilidade. Propomos analisar três personagens femininas das tramas *Garota do Momento* (Globo, 2024 - 2025), *Dona de Mim* (Globo, 2025), *Vale Tudo* (Globo, 2025); questionando de que forma essa atualização na representatividade foi realizada, e se ainda percebemos resquícios que deflagram preconceitos, seja de gênero e raça. Para isso, investigaremos a construção dessas personagens em sua colocação nas tramas, vislumbrando como se dá essa representação social.

**Palavras-chave:** representatividade negra; telenovela; mulher negra; estereótipos.

O presente artigo se trata de uma análise da ascensão do protagonismo negro feminino na telenovela brasileira, especificamente nas ficções do horário nobre da TV Globo, em 2025. A partir dos estudos prévios acerca da representatividade negra na telenovela (Araújo, 2000, Grijó e Sousa, 2012; Faria e Fernandes, 2007; Couceiro de Lima, 1983; Silva, 2018, Lima, 2019) percebemos que os papéis aos quais personagens negros foram alocados podiam ser resumidos em três categorias-chave, a saber: a subalternidade, o erotismo e a invisibilidade. Com algumas exceções ao longo dos anos em tramas pontuais, essas categorias constituem as principais segmentações representativas destinadas às pessoas negras nas ficções. Assim, notamos que a partir de 2021, essa representação social foi atualizada, tornando-se perceptível a escalção de protagonistas. Propomos analisar três protagonistas femininas das tramas *Garota do Momento* (Globo, 2024 - 2025), das 18h; *Dona de Mim* (Globo, 2025), das 19h; *Vale Tudo* (Globo, 2025), das 21h. Questionamos de que forma essa atualização foi realizada, e se ainda vemos resquícios que deflagram preconceitos, seja de gênero e/ou raça.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestre em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA - USP. E-mail: [marit.mlima@gmail.com](mailto:marit.mlima@gmail.com)

Investigaremos a construção dessas personagens e como se dá essa representação. Por se tratar de tramas ainda em andamento, focaremos nos aspectos apontados por Antonio Candido (2009) como a profundidade psicológica, a representação social e a relação entre personagem e a narrativa.

Articulamos, aqui, dois eixos centrais: gênero e raça, através do estudo da telenovela como um dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), um mecanismo que reproduz e naturaliza hierarquias raciais, reforçando a branquitude como norma e perpetuando estereótipos. A base dessa dinâmica de poder simbólico está no pacto da branquitude que consiste na “cumplicidade não verbalizada entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (Bento, 2022, p. 18). Lilia Schwarcz (2024) explica que a branquitude não é uma categoria de reconhecimento, haja vista que quem é branco não costuma se identificar dessa maneira; no entanto, a negritude é uma conquista advinda da luta dos movimentos sociais que, ao longo dos anos, foram estabelecendo suas base para as mudanças que vemos no momento com o protagonismo negro na televisão. Lembramos que no Brasil, segundo os últimos dados do Censo 2022<sup>3</sup>, pardos e pretos somam 55,5% do total da população do país, portanto são uma maioria minorizada (Santos, 2020), apequenada por mecanismos de exclusão e discriminação que geraram a falta de políticas públicas efetivas ao longo da constituição do país, e assim culminaram num apagamento sistêmico quando se trata de visibilidade e representatividade nas telas.

As categorias abarcadas servem como base para entendermos os principais estereótipos que foram encenados nas narrativas até o momento. A representação de pessoas negras, especialmente mulheres, é marcada por papéis subalternos, como empregadas domésticas, babás ou moradoras de favelas, reforçando uma hierarquia social que as coloca em posição de inferioridade, tanto material quanto moral. Estereótipos, como a "mãe preta" ou a "empregada espevitada", naturalizam a servidão e perpetuam um imaginário racista que associa negritude à marginalidade (Gonzalez, 2020; Freire Filho, 2004). Quando se trata do erotismo, o corpo negro feminino é comumente sexualizado, reduzido a símbolos de desejo e exotismo. Heranças da escravidão, como a figura da "mucama objetificada" (Gonzalez, 2020), ecoam na

---

<sup>3</sup> Ver

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>

representação da "mulata" como um ser voluptuoso e disponível, destinado ao prazer alheio, mas não ao afeto ou ao matrimônio. Essa erotização reforça a desumanização da mulher negra, tratada como mercadoria e não como sujeito (Kilomba, 2019). Já a categoria da invisibilidade, demonstra que mesmo quando presentes, personagens negros ocupam papéis secundários, sem profundidade ou relevância narrativa. A falta de representação em posições de protagonismo reflete um racismo estrutural que nega a negros o status de igualdade social (Fraser, 2007). A luta contra essa invisibilidade exige a desconstrução do "racismo midiático" (Grijó e Sousa, 2012), que insiste em limitar pessoas negras a estereótipos degradantes.

Em síntese, os impactos sociais do pacto da branquitude no âmbito televisivo são o mote desta análise. A teledramaturgia expressa e interpela os indícios causais do racismo, e sua expressão no âmbito midiático. Como se trata de uma ficção calcada no realismo e naturalismo, a falta de representatividade negra ao longo de seus 60 anos, se mostra ainda mais flagrante. A dinâmica televisiva, portanto, ocasiona violações simbólicas, tais como a humilhação de ver-se sempre representado como subalterno e a invisibilização de não se reconhecer como parte legítima da sociedade, mesmo sendo a maioria.

## Referências

- CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARAÚJO, Joel Zito. *A Negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. São Paulo: Zahar, 2023.
- COUCEIRO DE LIMA, Solange M. *O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais*. São Paulo, FFLCH/USP, 1983.
- FARIA, Maria Cristina Brandão de; FERNANDES, Danúbia de Andrade. *Representação da identidade negra na telenovela brasileira. E-compós*, 2007.
- FREIRE FILHO, João. *Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. Eco-Pós*, v. 7, n. 2, pp. 45-71, 2004.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias de Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

- 
- LIMA, M. O Lugar do Negro na Telenovela Brasileira. In: LOPES, M. I.V et al. *XVI Congresso Ibercom 2019 [livro eletrônico] : comunicação, violências e transições / AssIBERCOM Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação Pontificia Universidad Javeriana(Colômbia). São Paulo : Assibercom, 2021*
- SANTOS, Richard. *Maioria Minorizada: um dispositivo analítico de racialidade*. Rio de Janeiro: Telha, 2020.
- SILVA, W. M. A telenovela e os negros: A representatividade étnica na Rede Globo entre 2011 e 2017. In: *41o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2018. p. 1-15.
- SCHWARCZ, Lilia. *Imagens da branquitude: a presença da ausência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.